

O ARAUTO da SANTIDADE

European Nazarene
Bible College
Library

MARÇO, 1986



Diz o povo que "o êxito tem muitos pais, mas o fracasso é sempre órfão". Há tempos uma colunista publicou uns versos de que muito gostava. Desculpou-se por não poder atribui-los a autor que ela desconhecia. Em menos de uma semana, mais de 150 pessoas escreveram identificando-se como autoras dos mesmos versos!

O êxito tem, de facto, muitos pais . . .

Por outro lado, lembro-me dos dias longínquos da escola primária. De vez em quando apareciam riscos nos móveis ou nas paredes, coisas quebradas nas salas de aula.

"Quem foi?", perguntava a professora, pronta a punir o culpado. Ninguém se movia. Um silêncio pesado ensombrou a sala: "O fracasso é sempre órfão". Custa à natureza humana admitir práticas indignas ou de que resultem desastres ou castigos. Por isso, a oração mais penosa é a penitencial. Como chegar aos pés de Deus e dizer-

-Lhe que falhámos, transgredimos à Sua Lei e vontade? É bem mais fácil racionalizar que familiares, amigos, pressões, necessidades, circunstâncias, tentações, chefes, associados, colegas, ambiente, cansaço, esgotamento, nervosismo, falta de sono, excitação, injustiça, provocação, fraqueza hereditária, etc., nos induziram ao acto reprovável.

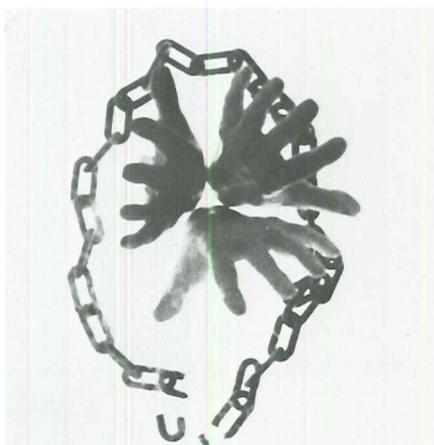
A oração penitencial é uma

incursão corajosa e franca no terreno da verdade. É, ao mesmo tempo, a libertação da alma dos liames da mentira ou de meias-verdades.

No Salmo 51 encontramos uma das mais famosas orações penitenciais de que há notícia. Foi proferida por um dos homens celebrados deste planeta. Rei, escritor, militar, poeta, músico e arquitecto, Davi tinha uma reputação a defender. Entretanto, encontramos-lo prostrado diante

A oração penitencial é uma incursão corajosa e franca no terreno da verdade . . . a libertação da alma dos liames da mentira ou de meias-verdades.

ORAÇÃO LIBERTADORA



amor. Ele não deseja humilhar-nos, mas salvar-nos. Ele é mais Pai que acusador, mais Amigo que verdugo. Deus quer ajudar-nos. Temos fé no poder misericordioso do sangue de Jesus Cristo. Ainda que os nossos pecados sejam gravíssimos aos olhos de juízes e observadores terrenos, Deus pode perdoo-los.

A oração penitencial é custosa, mas salutar. Dói mas para nos livrar da escravidão à dor. □
—JORGE DE BARROS

de Deus, soluçando palavras comprometedoras:

"Apaga as minhas transgressões . . .

Contra ti, contra ti somente pequei."

O general Davi ganhara muitas refregas e batalhas militares. Esta foi, porém, a sua maior vitória. Conquistou-a no terreno íntimo da própria alma. Venceu o espírito de orgulho e rebelião, de medo e de vergonha, de cautela e aparência pública—, para confessar o seu pecado.

A oração penitencial é a única chave de acesso a Deus concedida ao pecador. Por ela usamos dois instrumentos redentores:

O primeiro é a *honestidade*. Ela liberta do joguinho de atribuir a outrem os nossos fracassos, defeitos e erros. Em vez de apontar para eles, apontamos para nós mesmos: *EU. Eu pequei; eu errei; eu falhei; eu fui o culpado.*

Esta posição impopular é trampolim comprovado para um salto a nova vida e à libertação de sentimentos de culpa e de remorsos depressivos. É que, confessando a Deus os pecados, mostramos que reconhecemos o carácter pernicioso dos mesmos, responsabilizamo-nos por faltas cometidas e buscamos ajuda sobrenatural.

Entra aqui em cena o segundo instrumento redentor: *fé*. Confessamo-nos honestamente a Deus porque temos fé no Seu

O fundamento da nossa fé cristã reside em três eventos históricos, todos eles centrados na pessoa de Jesus Cristo. Estes grandes pilares da fé são: O nascimento virginal do nosso Senhor, a Sua morte vicária e redenção universal, e a Sua ressurreição. A ressurreição de Cristo ratifica tanto o Seu nascimento milagroso como a Sua morte expiatória. A mesma ideia vem expressa na 1 Epístola aos Coríntios do apóstolo Paulo: "Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados" (15:17). A mensagem eterna do anjo às mulheres fiéis que foram primeiro ao sepulcro naquela manhã memorável de Ressurreição dá nova força e esperança ao nosso mundo. Mateus 28:5-7 narra: "Não tenhais medo; pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito. Vinde, vede o lugar onde o Senhor jazia. Ide, pois,

imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dos mortos . . ."

Quão importante é hoje para nós esta mensagem! Vinde e vede". Somos convidados à certeza da Ressurreição. Neste mundo materialista, de ciência e cálculos, estas palavras adquirem novo significado. A atitude científica pode encontrar satisfação na abertura deste convite. Vinde e vede um túmulo vazio. Vinde e vede a grande pedra que tapava a entrada do sepulcro, agora removida. Vinde examinai os antigos registros romanos. Vinde e indagai o que

dizem as Escrituras. Vinde e prestai atenção a tantas testemunhas a quem Jesus apareceu após a Sua Ressurreição. Melhor ainda, escutai o testemunho de milhões que podem declarar com toda a certeza: "Ele vive no meu coração".

A mensagem pascal também inspira a antiga esperança de imortalidade, comum a todo o ser humano. Em I Coríntios 15:22, Paulo manifesta a mesma esperança: "Assim como todos morrem em Adão, assim, também, todos serão vivificados em Cristo". Quando o nosso Senhor venceu a morte abriu a porta da esperança para a humanidade que aguarda o além-túmulo para uma reunião abençoada com os queridos que morreram. A morte não é uma separação completa, mas apenas um estado transitório através do qual o espírito do homem passa para uma glória eterna.

Há urgência na mensagem

pascal. Deve ser anunciada. "Ide, pois, imediatamente e dizei" é a proclamação angélica. As mulheres saíram apressadas do túmulo para narrar as boas novas aos discípulos desanimados. As boas novas tornaram-se em breve a mensagem festiva duma igreja vitoriosa. Elas devem ser apresentadas a cada geração que passa. Todos devem ouvi-las. Há grande urgência no nosso tempo em espalhar esta mensagem maravilhosa numa sociedade frustrada e materialista. Incutamos esperança dum porvir desanuviado, graças ao Senhor Jesus Cristo. □



"Vinde e Vede . . .
a certeza da Ressurreição

A MENSAGEM PASCAL

—CHARLES H. STRICKLAND
Superintendente Geral

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO

NESTE NÚMERO

ORAÇÃO LIBERTADORA	2
	<i>Jorge de Barros</i>
A MENSAGEM PASCAL	3
	<i>Charles H. Strickland, Super. Geral</i>
O MILAGRE DA RESSURREIÇÃO	5
	<i>Antônio M. Barbosa</i>
CRISTO SUPERIOR À CALÚNIA HISTÓRICA	6
	<i>Arturo Hotton</i>
OS DOIS JUGOS	7
	<i>Paul T. Culbertson</i>
ÊNFASES DE MARÇO	8
ORAÇÃO—NOSSA TAREFA PRINCIPAL	9
	<i>Forrest W. Nash</i>
SEGURANÇA GARANTIDA	10
	<i>José Zito Oliveira</i>
PÁSCOA EM TODA A PARTE	11
	<i>L. Guy Nees</i>
RUDE CRUZ	12
	<i>Robert W. Jackson</i>
A MÚSICA NA OBRA DE DEUS	13
	<i>João Carlos da Silva</i>
BOAS NOVAS	14
	<i>W. E. McCumber</i>
FRUTO GENUÍNO	16
	<i>Zilta R. C. Oliveira</i>
PESSOAS DESAPARECIDAS	17
	<i>Albert J. Lown</i>
PESSOA NEUTRA	19
	<i>Gary Sivewright</i>
PÁGINA DEVOCIONAL	20
	<i>Paula Troutman</i>
NÃO HÁ DUAS PESSOAS IGUAIS	21
	<i>A. F. Harper</i>
APRIMORAMENTO	22
	<i>Eudo T. de Almeida</i>
PÁGINA MISSIONÁRIA (GUATEMALA)	23
PERGUNTAS E RESPOSTAS	25
PERDOA-NOS, SENHOR	26
O CAMPO É O MUNDO	26

BENNETT DUDNEY, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director

ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista

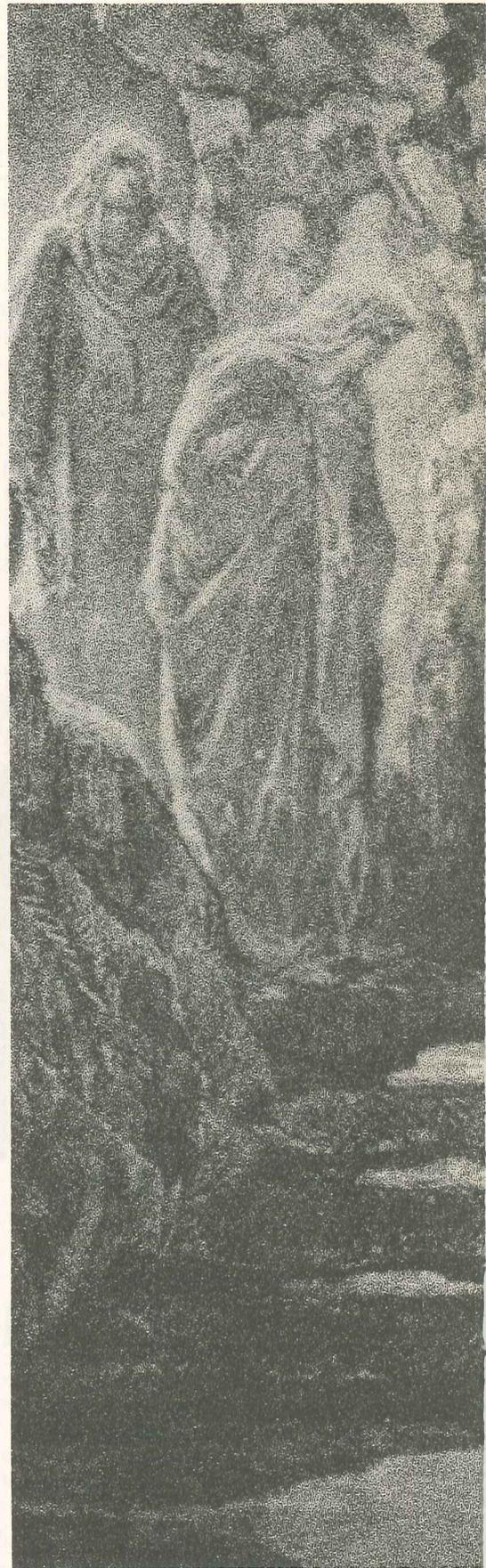
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

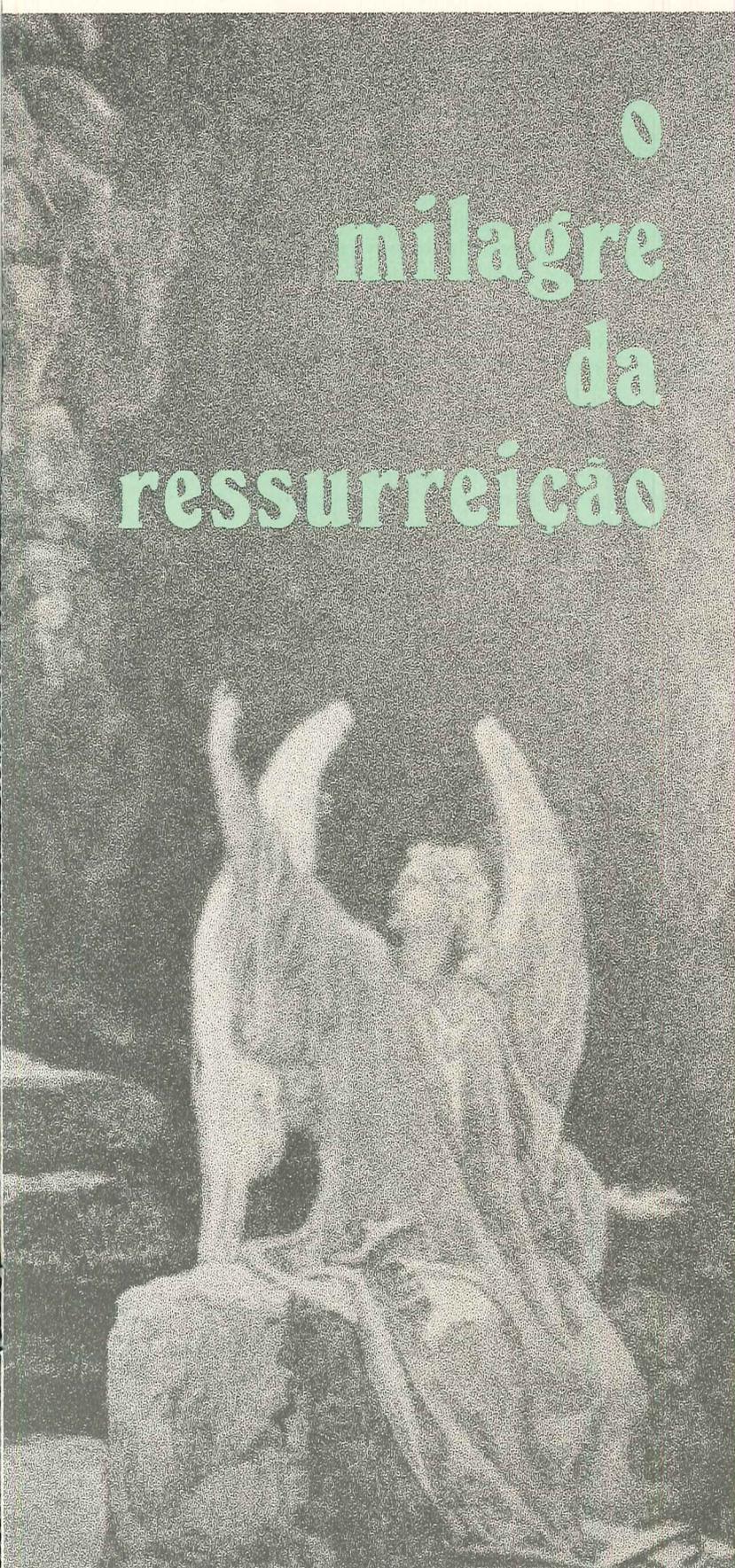
O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, é publicado mensalmente por **Publicações Internacionais** e impresso pela **Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, E.U.A.** Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a **Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, E.U.A.** Direitos reservados (1986) pela Casa Nazarena de Publicações. *Preço da Subscrição anual: US\$4.00.* Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, is published monthly by **Publications International**, printed at the **Nazarene Publishing House, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109.** Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to **Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, MO 64131.** Copyright (1986) by Nazarene Publishing House. *Postmaster: Please send change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO 64131. Subscription price: US\$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, U.S.A.*

FOTOS: Capa, p. 16 — J. Barros; p. 2 — J. Pacheco; p. 3, 4, 5 — D. Gomes; p. 7, 12 — H. Lambert; p. 9 — D. Anderson; p. 13 — J. Carlos; p. 17 — E. Carlin;





o
milagre
da
ressurreição

Antes que este mundo existisse . . .
que o Sol, a Lua e as estrelas
se projectassem no firmamento . . .

Para além da imensidão do espaço,
o espaço negro e vazio . . .
Eis que já brilhava nos olhos eternos,
a Luz do mundo.

E a Mente Diva
ao cogitar
na forma de preencher o vazio,
abriu o semblante, sorriu,
e a neblina se diluiu
no crepúsculo de Esperança,
quando a eternidade se aliou ao tempo,
quando o Cristo imortal aqui desceu
de mãos estendidas para os mortais!

Mas os homens, oriundos do Seu ideal,
geraram ideias tenebrosas,
nascidas da noite
que voltou a invadir o coração
para esconder a imagem de Deus.

Então a Luz da Vida
que nunca se afoga no lago de escuridão,
rompeu o véu da morte,
saiu do abismo e floresceu . . .
qual açucena perfumada,
qual lírio alvinitente;
a embalsamar o mundo,
a resplandecer nos corações,
a disseminar a Vida
no MILAGRE DA RESSURREIÇÃO!

—ANTÓNIO M. BARBOSA

A nossa época é, sem dúvida, de grande excentricidade e confusão. Valores humanos são tragicamente afectados pelo materialismo. O desenvolvimento normal do espírito da nossa civilização vê-se atrofiado por diversas ideologias. Alguém chegou mesmo a declarar que "a religião é o ópio dos povos".

Para refutar tão absurda declaração, examinemos a história ao longo dos séculos, como testemunha imparcial. Sem sermos apologistas, devemos admitir que o Cristianismo é o centro para onde

convergem todas as realidades do espírito humano. Longe de ser um sedativo para o desenvolvimento da civilização, ele tem revitalizado os conceitos e elevado o homem a uma posição privilegiada que revolucionou a visão do mundo.

A maior parte das conquistas sociais consolidadas através dos anos encontram-se mencionadas nas palavras referentes à doutrina que o Mestre trouxe do céu. Max Weber declara que "o Cristianismo é o facto primordial da nossa cultura e a figura de Cristo, em sentido espiritual, a mais revolucionária da história".

R. Garranza sublinha esta mesma verdade dizendo que "nenhuma doutrina moral ou sistema ideológico tem influenciado tanto a marcha da humanidade como o Cristianismo". Doris Pasternak vai mais longe ao afirmar que "a história, tal como a conhecemos, começou com Cristo".

À diferença de outras religiões orientais que o precederam—separatistas—, o Cristianismo adoptou, ao enfrentar o poder político, uma posição de respeito mútuo e reconheceu-lhe legitimidade dentro da sua própria esfera. Não ataca de forma específica as instituições (assim o exige o respeito pela autoridade), mas a sua influência atinge-as e transforma-as por intermédio do espírito renovador que dignifica e abre novos horizontes à actividade inventiva do homem.

Na história da humanidade, Cristo foi o primeiro que distinguiu, com precisão e de modo definitivo, o campo temporal do espiritual. Diante dum grupo de pseudo-religiosos que pretendiam inutilmente confundi-lo com dilemas comprometedores à Sua pureza e pregação, Ele declarou com autoridade: "Dai, pois, a

CRISTO, SUPERIOR À CALÚNIA HISTÓRICA

César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Mateus 22:21).

Nunca alguém falara assim. Os pensadores mais perspicazes da Grécia não conseguiram distinguir dentro da "polis" o que era inerente à divindade, daquilo que fazia parte do estado. Na Roma pagã o erro persistiu, mas Jesus pensava de forma diferente. A Sua profunda filosofia da vida levou-O a compreender o drama duma confusão que ofuscava o brilho da pureza do sentimento religioso e o identificava com sistemas de convivência política ou esquemas sociais.

O Mestre ensinou que a glória duma experiência com Deus escapa ao regulamento externo e pertence ao mundo invisível do que nos identifica com Ele.

Creio que agora nos seria difícil negar que Cristo é o ponto culminante da história. A Sua grandeza afasta a obscuridade dum vácuo nebuloso; traz ao homem a luz de nova possibilidade de alcançar por fé o infinito. Na cruz termina o cepticismo da humanidade caída e incapaz de se levantar a si própria; surge a esperança sublime duma geração que, apesar de ver morrer Jesus, acreditou na glória de Sua vida e procurou transformar o determinismo anacrónico na dimensão radiante de um Cristianismo nascente.

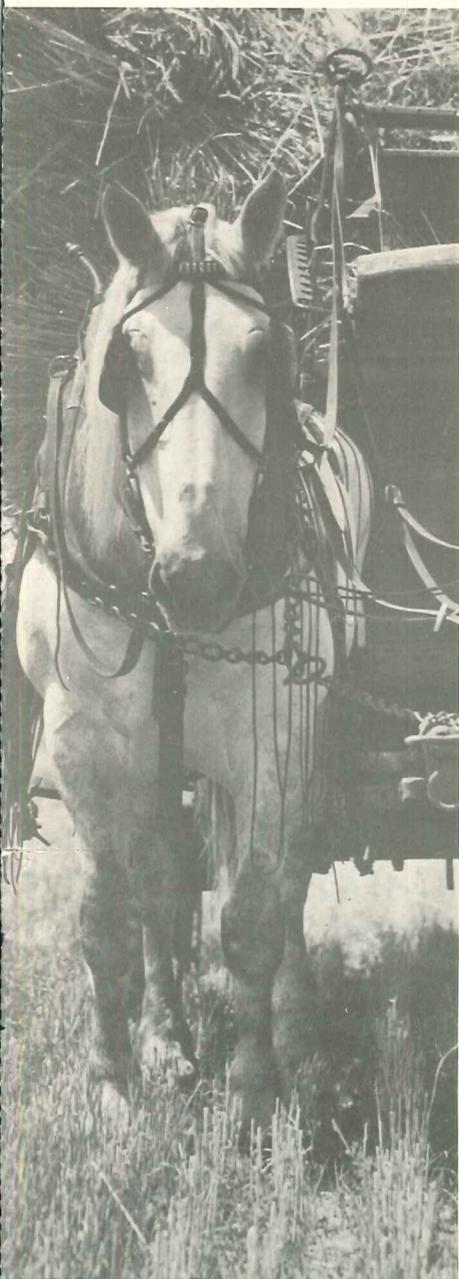
Ninguém, como Jesus, revelou ao coração da humanidade escravizada um instinto insaciável de liberdade de sonhar, de pensar, de crer e de viver. Ele disse: "Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (João 8:36). A Sua liberdade era a ruptura com o pecado, germe da tragédia humana e da aniquilação final do homem sem Deus.

Existe algo que escapa à valorização humana e que entra no inexplicável do amor supremo—que Jesus, sendo Deus, encarnasse para vir ao mundo apóstata, rebelde e pagão, morrer numa cruz . . . As palavras são insuficientes, o silêncio é poesia mística, a sublimidade do Seu sacrifício coloca-nos de joelhos. A nossa apatia esmorece com as trevas do Gólgota e, inspirado nas alturas, o nosso espírito transcendente murmura: "Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, seja feita a tua vontade . . ." (Mateus 6:9-10). □
—ARTURO HOTTON



—PAUL T.
CULBERTSON

OS DOIS JUGOS



A primeira Assembleia geral da Igreja Primitiva estava em sessão (Actos 15). Havia apenas um superintendente geral. O seu nome era Tiago, um dos irmãos do Senhor e pastor da Primeira Igreja de Jerusalém. Entre os delegados ministeriais encontrava-se Simão Pedro, o apóstolo Paulo, Judas Barsabas, Silas e Barnabé.

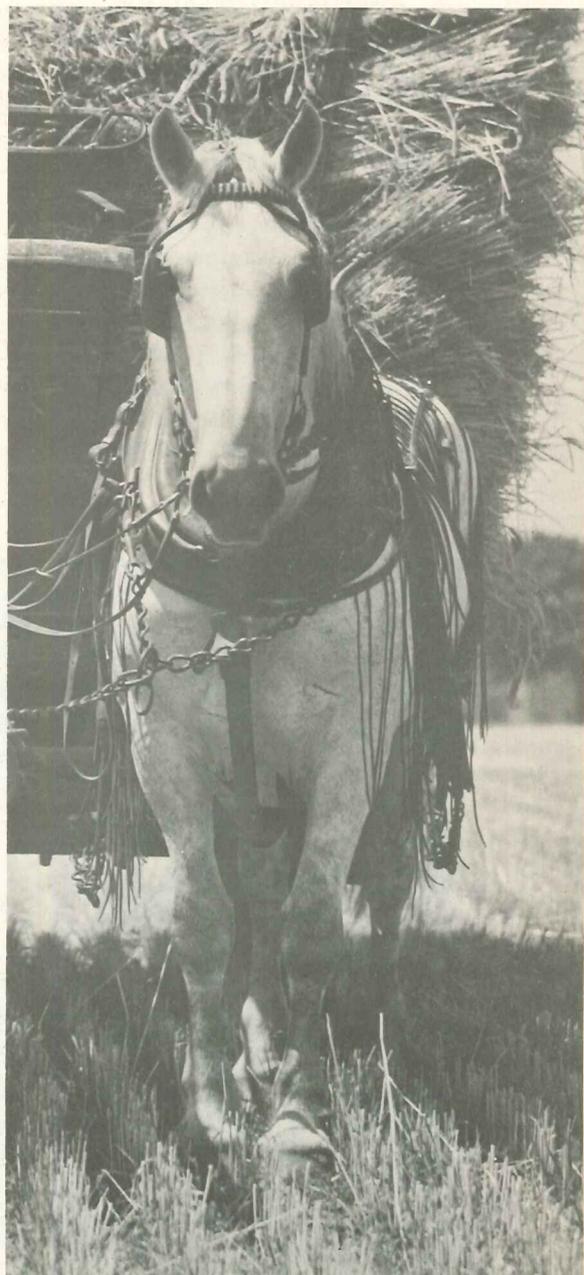
Como é costume em tais reuniões, houve um debate vigoroso e prolongado. A questão mais importante, na realidade a razão principal da convocação da assembleia, era um problema que ameaçava dividir a Igreja Primitiva: "Deveriam os gentios, recém-convertidos ao cristianismo, ser obrigados a observar os detalhes da lei judaica?"

Tal como a maioria dos debates, a discussão atingira um ponto crítico e estratégico. Simão Pedro tomou então a palavra. Recordou aos delegados que Deus o tinha escolhido para pregar o evangelho aos gentios e que não havia dúvida quanto ao facto de muitos destes terem já recebido o dom do Espírito Santo.

Relembremos as suas palavras: "Varões irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu, de entre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho, e cressem. E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como, também, a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando os seus corações pela fé. Agora, pois, porque tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais, nem nós, podemos suportar? Mas cremos que seremos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também" (Actos 15:7-11).

Que era este "jugo insuportável" a que Pedro se referiu? Era a lei judaica, com todas as interpretações defendidas pelos escribas

e fariseus com quem Jesus entrou frequentemente em conflito. A "Lei" consistia em 365 proibições, 248 exortações e numerosas "interpretações". Por exemplo, ela descrevia 36 maneiras possíveis de violar o sétimo dia de descanso. Entre as proibições do sábado encontravam-se actividades como acender uma vela, escrever duas letras do alfabeto, apanhar lenha para o lume, colher espigas, cuidar de



doentes, etc. Nos incidentes descritos em Mateus 12:1-13, Jesus foi acusado de ter transgredido duas dessas proibições. Os fariseus, então, reuniram-se em conselho contra o Mestre para determinar "como Lhe tirar a vida" (Mateus 12:14). Por vezes extremistas chegavam a conclusões absurdas como estas: O próprio Deus estudava a Lei três horas por dia: os anjos precisavam de ser circuncidados: comer sem lavar as mãos era um pecado tão grande como ter relações com uma prostituta. Tal como Pedro dissera, este sistema legalista era um jugo opressivo que "nem nossos pais, nem nós, podemos suportar". Felizmente, a decisão da primeira assembleia geral foi a favor da liberdade cristã. Não é, pois, de admirar que quando Paulo, Barnabé, Silas e Judas Barsabas transmitiram esta decisão à igreja de Antioquia, os cristãos—judeus e gentios—"se alegrassem pelo conforto recebido" (Actos 15:31). Mas, se o jugo do legalismo é insuportável, que alternativa nos resta?

Existe um outro jugo—o do nosso Senhor Jesus Cristo! Na única passagem do Novo Testamento em que Jesus descreve o Seu carácter, descobrimos um convite gracioso e uma promessa animadora: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mateus 11:28-30).

Por que é o jugo de Jesus suave e o Seu fardo leve?

Primeiro, o Seu jugo é suave e o Seu fardo leve porque é constituído por uma antiga mas sempre renovada lei moral. Em vez de tantas interpretações e detalhes da lei, por vezes conflituosos, Jesus apresentou dois mandamentos: "Amarás, pois, ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Marcos 12:30-

31). E acrescentou: "Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas" (Mateus 22:40). As palavras do Mestre trazem-nos à mente a declaração do apóstolo Paulo a respeito do segundo mandamento: "O cumprimento da lei é o amor" (Romanos 13:10).

Mas o "jugo leve" de Jesus não consiste simplesmente em *menos* mandamentos. Longe disso! Os mandamentos devem agora ser acompanhados e cumpridos por um novo poder, um novo motivo, uma nova capacidade! Isto torna-se possível pela graça através da fé em Cristo e a Sua expiação na cruz, pelo pecado do homem, efectiva na vida dos crentes graças ao ministério regenerador e santificador do Espírito Santo. O apóstolo João diz que a nossa capacidade em amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de todas as forças é inicialmente uma resposta de fé ao amor infinito de Deus expresso na encarnação do nosso Senhor e na Sua morte na cruz: "Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e

ÊNFASES ESPECIAIS DO MÊS DE MARÇO

Domingo, dia 9—Levar o Amor de Deus a FAMÍLIAS

Domingo, dia 16—Levar o Amor de Deus a AMIGOS

Domingo, dia 23—Levar o Amor de Deus a VIZINHOS

Domingo, dia 30—Levar o Amor de Deus à ESCOLA
e ao TRABALHO.

Participe com alegria no programa do
ANO INTERNACIONAL DA ESCOLA DOMINICAL

enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados" (I João 4:10).

E João continua: "Nós o amamos a ele, porque ele nos amou primeiro" (v. 19). Ao respondermos com gratidão, arrependimento e fé ao facto incrível de que Deus amou cada um de nós individualmente, quando éramos Seus inimigos acontece em nós um milagre! "Porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Romanos 5:5). Desta forma o cristão é capaz de amar a Deus, ao próximo e a si próprio com aquele mesmo amor abnegado e redentor com que Deus o amou primeiro.

Este milagre transformador da graça de Deus é chamado nas Escrituras a "Nova Aliança", predita pelo profeta Jeremias muito antes do nascimento de Jesus Cristo (31:31-34). No Novo Testamento a Nova Aliança do Espírito Santo (II Coríntios 3) é apresentada em termos da lei de Deus agora gravada nos corações e mentes dos cristãos (Hebreus 10:15-17). O resultado deste milagre é que o motivo principal, o amor a Deus e ao próximo, coincide com a vontade divina, totalmente revelada no ensino, exemplo e morte de Jesus Cristo. Quando existe tal unidade entre o motivo interno e a exigência externa, o viver santo torna-se prazer! Não é de se estranhar que o jugo de Jesus seja suave! Nem de se admirar que o Seu fardo seja leve!

O resultado, tal como Jesus prometeu, é o verdadeiro descanso para a alma. Como disse Santo Agostinho há séculos: o nosso coração está sempre inquieto até encontrar o verdadeiro descanso no Deus eterno. É o que todo o homem precisa e, se consciente, anseia. Já encontrou você este descanso? Aquele que é manso e humilde de coração oferece-o. Recebendo-O, você achará suave e leve o Seu fardo! O convite de Jesus é gracioso! A Sua promessa é verdadeira! □

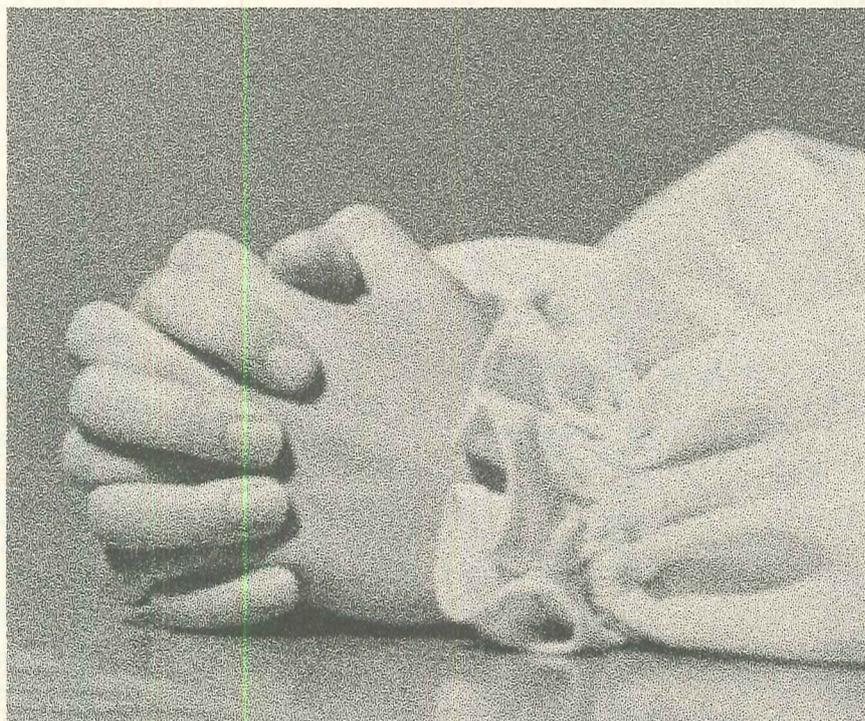
A verdadeira espiritualidade salienta-se ao examinarmos a nossa vida de oração. Quando oprimidos por uma crise, oramos sempre mais desesperada e intensamente. Mas menos oração quando estamos a atingir o auge do sucesso. No capítulo 5 do Evangelho de Lucas recorda-se um episódio interessante na vida do nosso Senhor. O versículo 15 diz: "A sua fama se propagava ainda mais, e ajuntava-se muita gente para o ouvir e para ser por ele curada das suas enfermidades". No verso seguinte surge esta informação: "Ele retirava-se para os desertos, e ali orava".

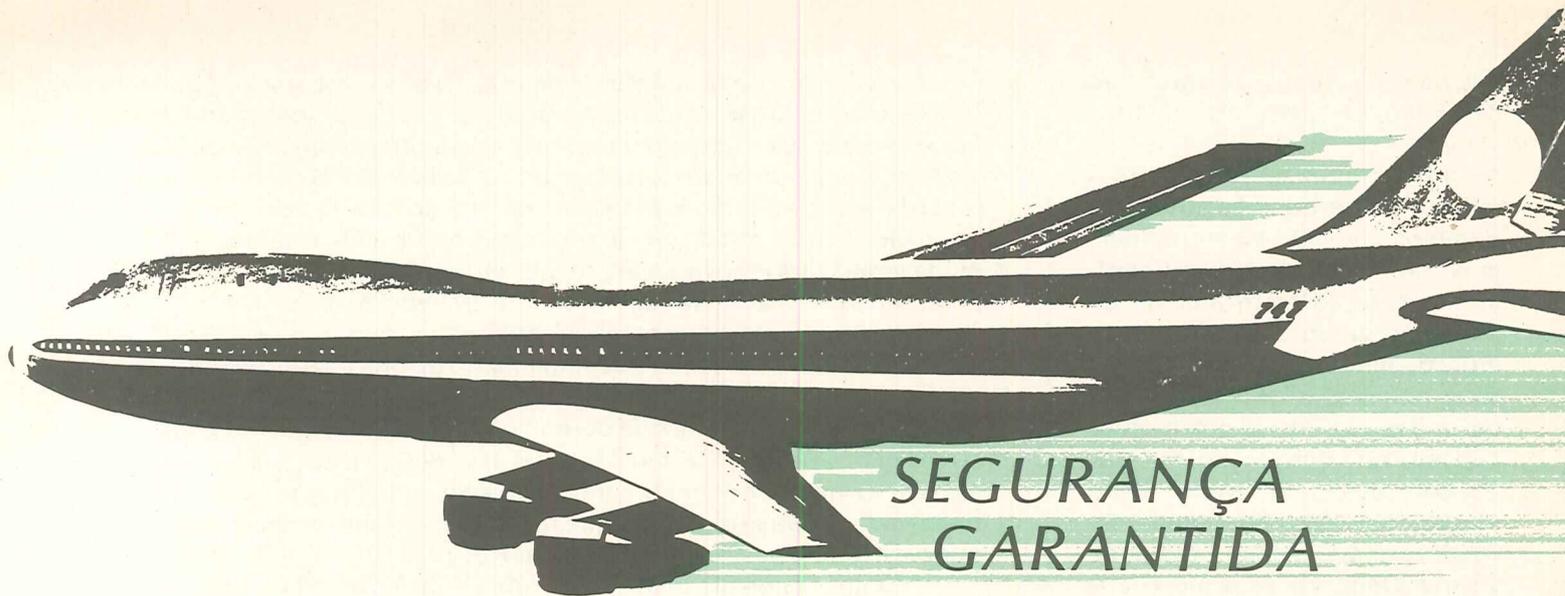
O êxito deve ser sempre acompanhado de oração, porquanto ele é sempre porta aberta para tentações. A maior consiste em aceitar para nós próprios a glória que pertence a Deus. Existe, igualmente, a tentação de nos esquecermos de todas as coisas de Deus, atribuindo a chave da vida ao poder humano e não ao divino. Jesus orou quando tinha maior popularidade, porque reconhecia a fonte de Sua força e queria, a todo o custo, obedecer a Seu Pai.

O Senhor falou algumas vezes "sobre o dever de orar sempre, e nunca desfalecer" (Lucas 18:1). E o apóstolo Paulo escreveu: "Orai sem cessar" (I Tessalonicenses 5:17). O convite a que oremos quando a vida parece isenta de perigos e problemas como, também, ao sobrevirem tempestades de todos os lados; quando há colheita abundante do trabalho executado e, também, quando o fracasso parece ser o produto ingrato de todos os nossos esforços.

A oração é a tarefa principal de todos os cristãos. O seu resultado traduz-se na obediência e na fé em Jesus Cristo. É a rocha firme em que se baseia a vida espiritual. Mas a nossa obrigação primária, ao orarmos, não se relaciona ao êxito ou ao fracasso; antes, à fé e à obediência. Eis a razão por que Jesus orou. Também é o motivo por que nós devemos orar. A assistência à igreja, dar o dízimo, jejuar e testificar são importantes à vida espiritual. No entanto, a prova básica do discipulado relaciona-se ao primeiro dever como cristão—oro? "Senhor, ensina-nos a orar" (Lucas 11:1). □ —FORREST W. NASH

ORAÇÃO — nossa tarefa principal





SEGURANÇA GARANTIDA

No calendário há duas datas universais, pelo menos para todos os cristãos evangélicos: o Natal e a Páscoa.

O Natal proveu salvação.

A Páscoa ratificou a salvação.

Uma das ocasiões mais difíceis numa família é a morte dum ser querido. Quer aconteça como resultado dum acidente repentino, tragédia ou fim duma doença prolongada, é sempre custosa. Muitas famílias nunca recuperam. Carregam o pesado fardo ao longo da vida. Apesar do conselho de pastores e amigos, continuam acabrunhados pela tristeza. Mesmo escritos e tratados de "como enfrentar o luto" lhes parecem vazios. O familiar continua ainda ausente.

Jesus era mais do que um parente querido para os Seus seguidores. Sentiram tanta ou mais tristeza do que se fosse um membro da família que morresse.

Ele já Se tinha provado "algo mais" importante. Podia curar, realizar milagres, perdoar pecados,

trazer segurança e lhes tinha prometido um grande futuro—mas agora estava morto.

As mulheres foram ao sepulcro naquela manhã da primeira Páscoa simplesmente para ungirem o corpo do Mestre; faziam o melhor possível após as trevas da crucificação. Suponho que a razão que as levou lá era, em parte, reverência por Jesus, também, precisamente para fazerem alguma coisa, qualquer coisa. Os membros da família enlutada precisam, por vezes, de actividade que preencha o vazio e ocupe a mente. Entregues à sua tristeza, os discípulos não tinham realmente tempo

para
pensar

PÁSCOA EM TODA A PARTE



Situação comovedora e dramática, a dos passageiros e tripulantes do avião Japan Aerolíneas, nos últimos contactos com a torre. Ouviu-se do piloto: "Estou perdendo altura . . . Aceleração a todos os motores . . . Levantar o nariz do avião . . .

Ai meu Deus!

Este foi o fim: o encontro com a serra e, logo após, tudo silêncio.

O mundo é uma grande aeronave circulando pelo espaço sideral. Há nela dois pilotos comandando dois grupos diferentes. Um deles a conduzirá a um fim semelhante ao do infeliz avião japonês: choque, explosão, catástrofe, silêncio—símbolos da morte eterna e da separação de Deus.

Há, todavia, um outro Piloto que conduz um

outro grupo, dentro do mesmo espaço. Esse Piloto nunca perde o controle, por piores que sejam os vendavais e as tempestades. Ele conduz sempre a aeronave com segurança, rumo ao porto celestial. Sua aterrissagem será na nova Jerusalém, com explosão de cânticos e louvores, com glórias e aleluias! Jesus é o Piloto cuja voz de comando diz: "Descansa no Senhor e espera n'Ele" (Salmô 37:7).

Esta mensagem é oportuna em todas as eras. Precisamos dela hoje. Certo dia, atemorizados, os discípulos gritaram: "Mestre, Mestre, perecemos. E ele, levantando-se, reпреendeu o vento e a fúria da água; e cessaram, e fez-se bonança" (Lucas 8:24).

Jesus é o único Piloto que conduz o homem com segurança à vida eterna. □

quanto lhes custaria restabelecer a vida. Isso teria de ser feito.

E, logo, a notícia excitante: "Já ressuscitou, não está aqui" (Marcos 16:6).

Começam os acontecimentos—

- O anúncio aos onze.
- Pedro e João correm ao túmulo vazio para verificarem pessoalmente.
- A conversa dos discípulos a caminho de Emaús.
- A experiência do cenáculo.
- A Grande Comissão, a Ascensão e o Pentecostes.

Passados anos, apesar de falsos rumores, Pedro podia escrever: "Não vos fizemos saber a virtude e a

vinda do nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas, mas nós mesmos vimos a sua majestade" (II Pedro 1:16).

A mensagem da Ressurreição era uma palavra chave para os apóstolos e a Igreja Primitiva. Paulo declarou esta doutrina vez após vez. Era básica e fundamental.

Quando a Igreja de Jesus Cristo se espalhou ao longo dos séculos, esta grande verdade flutuou sempre na vanguarda da sua mensagem por toda a parte.

**CRISTO RESSUSCITOU!
ESTÁ VIVO!**

Estas verdades são proclamadas onde quer que missionários e pastores puguem e ensinem. Sem esta mensagem, nada teríamos a dizer. Mas com ela temos tudo. □

—L. GUY NEES

Sobre uma pequena colina num país que hoje se chama Israel, foi erguida uma rude cruz. Nela morreu um Homem! Ele tinha-a transportado aos ombros dilacerados e em sangue, até sucumbir sob o peso do madeiro.

Os soldados romanos, encarregados da execução,

escolheram um homem de entre a multidão para levar a cruz do Senhor. Quando chegaram ao topo da colina, lugar da execução, situado fora dos muros da cidade de Jerusalém, os soldados pregaram nela Jesus! Para eles tratava-se dum dever de rotina militar; mas, para quantos amavam Jesus, era uma tragédia de proporções medonhas. E ele morreu sobre essa rude cruz. Lágrimas deslizaram pelo rosto daqueles que O estimavam como Filho, Amigo, Médico e Mestre.

A cruz que Jesus transportou

era muito pesada, não só pelo tamanho e qualidade de madeira mas, também, por causa dos pecados do mundo que motivaram a Sua morte. E a carga do pecado era demasiado pesada para que a transportasse um homem vulgar!

Requeria-se um Homem robusto que se deixasse sacrificar nessa rude cruz. E foi Jesus, o Filho de Deus e nosso Salvador, o Homem que levou a cruz e morreu nela. Graças a Deus, por Seu Filho ter carregado a cruz e permitido que os soldados romanos O pegassem nela por nossos pecados!

Sim, necessitava-se um Homem forte para aguentar o peso dum cruz e morrer nela para resgatar um mundo perdido em pecado!

Jesus foi esse Homem que carregou a cruz sobre os ombros doridos, para que você e eu pudéssemos algum dia ouvir a história do Seu sofrimento e morte, crendo n'Ele como o Único que pode salvar o

transgressor. O pecado exige um preço tremendo e só um Homem corajoso o podia pagar! Graças a Deus que Jesus teve bastante coragem para vir a este mundo, carregar a cruz e pagar pelos nossos pecados!

Agora, é necessário que homens e mulheres corajosos

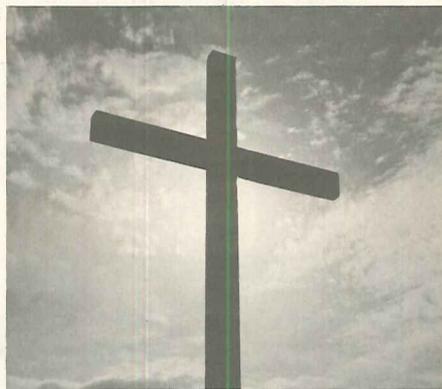
suportem a humilhação e o opróbrio dessa cruz, assimilem e espalhem a mensagem da salvação que Jesus proclamou do alto dela. Sim, irmãos e irmãs em Cristo, permitamos que o Espírito Santo encha de tal modo a nossa vida com a Sua presença e poder que nos torne bastante fortes para aguentar perseguição, crítica e, ainda, amar o mundo—esse mundo que odiou e continua a odiar o nosso Salvador. Exige muita força de carácter alcançar, com amor, aqueles que nos odeiam e insultam. No entanto,

se queremos vencer o mundo, temos de amá-lo com um amor que só Deus pode infundir no nosso coração.

Estaremos prontos a orar: "Senhor, faze-me o homem ou a mulher que eu preciso ser para aguentar a carga pesada que o levar a cruz pressupõe?" Quererei eu pagar o preço da entrega completa de forma a que, se Deus mo pedir, esteja disposto a dar tudo ao Mestre?

Precisam-se hoje de homens e mulheres corajosos para levar as Boas Novas a quantos precisem de escutar a mensagem de Jesus no lar, na vizinhança, no trabalho, nas cidades, em vilas e aldeias.

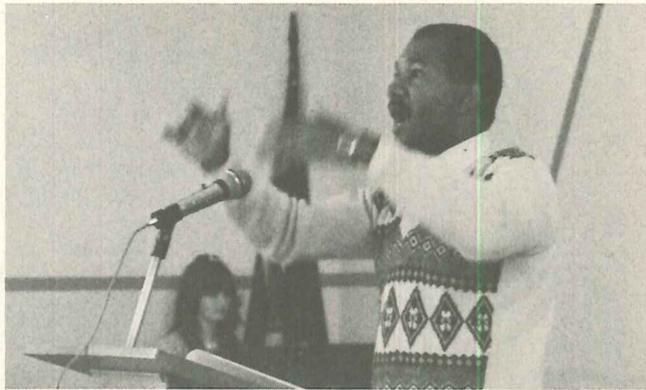
Entretanto, existem ricos prémios para aqueles que, sendo corajosos, levam a sua cruz. Veremos os nossos filhos, irmãos, irmãs, pais, amigos e vizinhos aceitarem Jesus Cristo como Senhor e Mestre. Regozijemo-nos todos, pois Deus chamou-nos para transportar a cruz! Aleluia! □



RUDE CRUZ

—ROBERT W. JACKSON

A MÚSICA NA OBRA DE DEUS



O professor João Carlos da Silva é regente de música na Igreja do Nazareno de Mesquita, Rio de Janeiro. Vemo-lo aqui na congregação de Santo André, SP. Ao fundo, a organista Raquel.



Preço U.S.\$2.50

Uma obra excepcional produzida pelo compositor R. W. Stringfield. O arranjo coral foi feito por Dick Bolks, músico consagrado.

Este lançamento da Lillenas vem enriquecer extraordinariamente a música do culto evangélico.

Faça hoje a sua encomenda à
**CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES.**

Presos e açoitados, os apóstolos Paulo e Silas foram poderosamente usados pelo Espírito Santo quando, através de um hino (um belo hino, é claro), levaram a mensagem de salvação ao carcereiro (Actos 16:25). Não houve sermão, mas houve conversão.

Temos aqui um exemplo de como a santidade de vida foi usada através de uma canção para mostrar ao mundo a importância da música em nossas igrejas.

Este ministério requer talentos, qualificações especiais, exige preparo cuidadoso, uma vida de conduta santificada, espiritual e exemplar. Interesse, gosto, aptidão, submissão e amor à obra de Deus, eis o segredo para o desenvolvimento do campo musical na obra do Rei.

Evitemos a pretensão de ser artista, a vaidade e o orgulho. Acima de tudo, procuremos estar sob a guarda espiritual de Cristo Jesus, cantar ou tocar com o Espírito de Deus.

Quando atingimos a plenitude da graça de uma vida realmente santificada, grandes coisas acontecem: nossos instrumentos tocam santidade (I Samuel 16:23), vidas são ungidas através do nosso canto ou música (I Samuel 10:5-6), o santuário do Senhor se enche

de Sua maravilhosa graça (II Crônicas 5:11-14).

Ministério de música. Que espera a igreja de mim?

—Dedicação e responsabilidade (I Crônicas 16:37; 23:30; 28:21).

—Purificação e santificação de talentos (Números 8:5; I Crônicas 15:14).

Como é louvável o cuidado que havia na Bíblia quanto à escolha de músicos e cantores! Esta escolha baseava-se, realmente, em vida limpa e eficaz aos pés de Deus.

Somos hoje os levitas no santuário do Senhor, e o Rei continua a chamar e a pedir os nossos talentos, à semelhança do que fazia Davi (I Crônicas 6:31).

Exercemos hoje o ministério da música por dever ou como privilégio?

Se a Criação e a Natureza foram esquematizadas em harmonia, ritmo, compasso e melodia, assim quis o nosso Criador que tudo O louvasse.

E assim, também, a música é a expressão de culto —um culto de vitória, de esperança, de salvação, um culto de santidade ao Senhor. □

—JOÃO CARLOS DA SILVA

A ressurreição de Jesus constitui a notícia mais incrível jamais ouvida pela humanidade.

Até à Ressurreição, o homem nunca competiu com o pecado. As vidas dos melhores homens e mulheres tinham sido tragicamente manchadas pelo pecado. Abraão, o pioneiro da fé, num momento de dúvida tornou-se burlador covarde.

Moisés, o homem mais humilde do seu tempo, num momento de arrogância perdeu o direito de conduzir Israel à terra de Canaã.

Davi, o homem segundo o coração de Deus, manchou o seu reino com adultério, assassino e hipocrisia. Noutros países repetiu-se a mesma história: todos pecaram, ninguém pôde resistir.

Então Jesus veio. Jamais violou a vontade de Deus por pensamento, palavra ou acção.

Cristo afastou para sempre a tentação, brandiu vitoriosamente a espada do Espírito, a Palavra de Deus escrita, à qual se agarrava com firmeza. E o pecado atacou-o com fúria atroz. Desferiu o assalto final no Calvário e descarregou a artilharia mais pesada na Sua alma e corpo desfigurados. Jesus converteu-se em oferta pelo pecado, levando sobre Si, entre grandes e misteriosos sofrimentos, o castigo que nós merecíamos.

Depositado o corpo de Jesus num sepulcro selado, pareceu a toda a gente que o pecado triunfara. Mas a luz que jorrou desse túmulo vazio na manhã de Páscoa proclamou as Boas Novas: um Homem tinha vencido o pecado! O máximo e pior que o pecado podia fazer fora anulado. Deus revelou, num golpe

Depositado o corpo de Jesus num sepulcro selado, pareceu a toda a gente que o pecado triunfara. Mas a luz que jorrou desse túmulo vazio na manhã de Páscoa proclamou as Boas Novas: um Homem tinha vencido o pecado! O máximo e pior que o pecado podia fazer fora anulado. Deus revelou, num golpe

BOAS NOVAS

*A morte já não tem poder sobre Ele;
Saiu da morte, além, Cristo o Senhor!*

*Morto Jesus não ficou
Triunfante, Cristo ressurgiu!
A vitória sobre a morte ali ganhou,
E no Céu vitorioso, Cristo entrou.*

Ressurgiu!

Ressurgiu!

*Aleluia: ressurgiu!
(Louvor e Adoração, 115)*

omnipotente, a Sua boa vontade em Jesus como o Substituto do pecador. Agora nós todos temos n'Ele perdão e purificação, libertação do pecado. Agora somos n'Ele reconciliados com Deus. A sua vitória tornou-se nossa pela fé. Aleluia!

Até à Ressurreição, o homem nunca competira com a morte. No entanto, alguns homens viveram com nobreza e enfrentaram a morte com coragem; finalmente partiram, a sua vida foi breve e a carreira inesperadamente interrompida pelo poder invencível da morte. Ninguém se achava tão alto ou andava tão rápido que a morte inflexível o não apanhasse, trazendo pranto a amigos e familiares. A morte, destruidora de planos e de corações, parecia ter sempre a última palavra.

Então veio Jesus. A morte não teve poder sobre Ele, porque não tinha pecado contra Deus. Ele não podia abdicar o direito de viver para sempre. No entanto, chegou o dia em que os amigos removeram dum patíbulo romano o Seu corpo pálido, enquanto Sua mãe observava em aflição demasiado grande para que a descrevessem os historiadores sagrados. Parecia que a morte tinha vencido até o Dador da vida.

Mas, na manhã do primeiro dia da semana, a morte vacilou e fugiu apavorada. Jesus estava vivo de novo—e para sempre! Não recuperara, simplesmente, a mesma vida que tivera antes da crucificação. Vivia agora numa forma que O colocara para sempre longe do alcance do sofrimento e da morte! Possuía verdadeira vida de eternidade,

verdadeira vida de Deus. Um Homem tinha dominado a morte! A erva continuou a crescer e o vento a soprar sobre o cadáver de outros líderes humanos. Mas Este é o único Homem que deixou a tumba, para nunca mais voltar à personificação silenciosa da derrota.

E, porque Ele vive, também nós que cremos n'Ele viveremos eternamente. Os peregrinos e estrangeiros desta terra, que seguem a Jesus Cristo, formarão a sociedade feliz do reino de Deus onde, para sempre, não haverá pecado, dor, lágrimas, morte e aflições.

A morte perdeu o seu terror para aqueles que confiam em Jesus Cristo. João Wesley disse acerca dos primeiros metodistas: "O nosso povo morre bem!" Quando ele próprio se encontrou no leito de morte, as suas últimas palavras, com as poucas forças que lhe restavam e que ele pôde reunir, foram: "O melhor de tudo é que Deus está conosco!" O Deus que ressuscitou Jesus da morte está conosco quando morremos, da mesma forma que está conosco quando vivemos. E a morte é agora constringida a fazer o que o inimigo orgulhoso nunca quis—conduzir-nos à *presença do Senhor, onde desfrutaremos de comunhão contínua através dos séculos.*

Que boas notícias gloriosas! No meio da morte nós temos vida. Vivemos porque o Cristo ressurto é o nosso Salvador do pecado e da morte. Vivemos porque os méritos e o poder Vencedor estão à disposição de todos que confiam e O seguem. Louvor a Deus! Agora e para sempre, louvemos ao Senhor! □

—W. E. McCUMBER

FRUTO GENUÍNO

—ZILTA R. C. OLIVEIRA

“Vendo a mulher que a árvore era boa . . . tomou-lhe do fruto e comeu” (Gênesis 3:6).

“Em fadiga obterás da terra o sustento durante os dias da tua vida” (Gênesis 3:17).

Eva colheu o que não plantou . . . E foi além disso: tirou o que lhe era negado.

Argumenta o Padre Vieira: “Comeu Eva o fruto da ciência, por que não lhe guardou as sementes? Não seria bem que chegasse a nós a árvore, já que nos chegaram os encargos dela? Porque o fruto era roubado, e o alheio é bom para comer, mas não é bom para semear; é bom para comer, porque dizem que é saboroso; não é bom para semear porque não nasce.”

Pregar é enfrentar o pecado, defrontar o vício, levantar o caído, ressuscitar para uma vida nova o morto em pecados. É lutar com as próprias forças, usando as armas da fé, da Palavra de Deus e da consagração. Há, porém aqueles que lutam com a arma da lisonja, da sedução psicológica, roubando os frutos que lhe são saborosos, mas que não frutificam, nem deitam raízes, porque não são seus, mas alheios.

Davi, ao enfrentar Golias, recusou as armas alheias. Com elas ninguém vence, nem mesmo Davi. Quanta bênção na funda e no cajado! Foram armas mais poderosas do que a reluzente lança e espada de Saul.

Mais vale um gigante de pecados tombado por uma funda, do que a conquista da glória com armas inglórias.

Que os relatórios dos nossos labores na Seara de Deus sejam recursos que revelem caminhadas para o céu, fugas do inferno—e não metas de evangelismo computarizado! □

PESSOAS DESAPARECIDAS

—ALBERT J. LOWN



**Como muitos que
duvidam, Tomé acrescentou
aos seus problemas
espirituais o de se afastar
do lugar de
companheirismo onde as
dúvidas podiam ser
dissipadas e substituídas por
nova certeza.**

Em quase todas as cidades do mundo há agências para procurar pessoas desaparecidas. Os desertores formam um exército que deixa por onde passa um sulco de grande sofrimento.

Durante oito dias—e, graças a Deus que só foram oito, pois os dias podem parecer eternidade—Tomé, um dos doze discípulos do Senhor, tinha desaparecido. Lemos na Bíblia: “Tomé . . . não estava com eles, quando veio Jesus. Oito dias depois, estavam outra vez os seus discípulos dentro, e com eles Tomé. Chegou Jesus” (João 20:24, 26). Num curto período de solidão e infelicidade, o discípulo ausente aprendera lições que têm servido de aviso e de estímulo a quantos deliberadamente se afastam do companheirismo dos irmãos na fé. Talvez se sintam tentados a imitar Tomé quando surge alguma morte inesperada de pessoa amiga—experiência para a qual não estavam preparados com o escudo da razão e da fé, para deterem os dardos terríveis da dúvida e do desânimo.

A tradição declara que o irmão gêmeo de Tomé herdara a melhor parte da família. Concordamos que Tomé era um homem impetuoso e inclinado a buscar o concreto. Quando o

Mestre falou de que na casa do Pai há muitas moradas, foi Tomé que pediu um *mapa* que indicasse o caminho!

Como muitos que duvidam, Tomé acrescentou aos seus problemas espirituais o de se afastar do lugar de companheirismo onde as dúvidas podiam ser dissipadas e substituídas por nova certeza. Ele não estava presente entre os discípulos quando Jesus, no primeiro dia da semana, lhes apareceu. Nem a doença nem a falta de convite tinham privado os discípulos de estarem reunidos quando Jesus disse “Paz seja convosco”, lhes mostrou as Suas mãos e o lado e compartilhou com eles uma refeição.

Tomé simplesmente se afastara, o que lhe custou o privilégio do companheirismo e a alegria inesperada duma reunião com o Senhor. A ausência teve efeitos graves e imediatos. Fez de Tomé um duvidoso e céptico. Quando os dez, já transformados, disseram: “Vimos o Senhor”—e supomos que eles falaram com espírito de amor, como “Bem quiséramos que tivesses estado conosco!”—Tomé recebeu a notícia com incredulidade. “Se eu não vir o sinal dos cravos nas Suas mãos e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei” (João 20:25). Com a sua infelicidade pretendeu obscurecer o regozijo dos outros.

A ausência e o antagonismo geram insensibilidade. Ao escolher as bases em que estava disposto a crer, Tomé duvidou da promessa do Mestre de que ressuscitaria ao terceiro dia e de que Ele tivesse poder para trazer da morte o mesmo corpo. Por algum tempo o Apóstolo tornara-se parte de certo grupo que ainda confunde cristãos, pela sua decisão de negar ajuda oferecida.

Da segunda vez que Jesus apareceu, Tomé estava com os

dez. O pêndulo oscilava da ausência à presença, de um teimoso à reunião humilde com os outros. A que se deverá aquela mudança de atitude? Talvez alguém o tenha convidado e persuadido: “Vem comigo.” Mas, principalmente, a que Tomé decidiu ser sincero consigo mesmo, reconhecendo que não podia ser feliz nem receber ajuda espiritual fora do convívio no cenáculo.

Regressar ao companheirismo, ao círculo de crentes, foi a porta da libertação. Revelou a identidade do Cristo ressurrecto e ofereceu um desafio amoroso e pessoal.

Apesar de suas limitações, a sociedade humana da igreja, por

detrás das portas fechadas, era o meio indicado para que um coração no mar da dúvida encontrasse paz e fé. O lugar vago da semana anterior aumentara a dúvida; o dia passado com os outros seguidores de Cristo renovou a vida e o próprio Tomé.

O contraste entre os dois domingos e as duas frases— “Tomé . . . não estava com eles quando veio Jesus” e “com eles (estava) Tomé. Chegou Jesus”— sugere que até a pessoa mais santa pode ter problemas graves.

Como apóstolo, os privilégios de Tomé foram consideráveis: curador de enfermos e exorcista, estudante da escola de oração de Jesus Cristo, participante da última ceia e defensor da fé até ao

Getsemani. Nenhum dos doze estava à frente de Tomé. Mas,

também ele tinha os seus problemas. Não eram estes a impetuosidade de Pedro, nem o carácter violento dos filhos do trovão, nem a avareza de Judas.

Tomé afundava-se no lodo da dúvida e do cepticismo, ao ausentar-se com tristeza e amargura.

Ele tinha o problema da dúvida que, cada dia, se torna pior. Há uma dúvida que serve de escada para a fé: “Senhor! ajuda a minha incredulidade” (Marcos 9:24). E

há ainda a dúvida *natural* provocada pelas injustiças da vida graficamente descrita no Salmo 73 (que também se relaciona com alguém que se ausentou!).

João Batista sentiu a picada da dúvida que tem razão de ser, quando Deus guardou silêncio. Habacuque também enfrentou a perplexidade ao ver a vitória aparente do bem sobre o mal. Há

algo de ambas na dúvida de Tomé, mas domina um fundo de maior incredulidade: “De maneira nenhuma o crerei.” A

sua condição é intransigente: a não ser que Deus me dê um sinal ou revelação especial.

O problema era alarmante e doloroso para aqueles que o

procuraram ajudar. Mas, quando menos o esperavam, Jesus interveio: “Tomé estava com eles e, logo a seguir, veio o Mestre.”

A sequência é óbvia. Jesus está sempre presente quando a alma faminta e humilde busca o companheirismo de irmãos, apesar de fracassos e emoções. A diferença entre o cumprimento geral, “paz seja convosco” e “põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos”, é eloquente. As palavras não conseguem exprimir o interesse do amor expresso na ordem directa: “Tomé”; ou a condescendência da prova exigida: “Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; e chega a tua mão e mete-a no meu lado”; ou a advertência: “Não sejas incrédulo, mas crente” (João 20:27).

O pedido e a prova do amor mudaram o apóstolo que se tinha desviado. Tomé não precisou de estender a mão para tocar. Bastava que Jesus soubesse, compreendesse e não condenasse. Mas só haveria recuperação para o discípulo severamente provado quando se rendesse perante a visão fresca das feridas do Calvário e dum Senhor ressurrecto.

Quando se expressa a dúvida sem rodeios, e ela é perdoada e vencida, surgem a confissão e a consagração. As feridas dos cravos que autenticavam a ressurreição só podiam ter uma resposta: “Senhor meu, e Deus meu” (João 20:28). Quem reconhece o senhorio de Jesus não terá dúvidas sobre a Sua divindade. A teologia e o testemunho andam de mãos dadas.

Tomé não desperdiçou a segunda oportunidade. Oito dias de ausência levaram o coração a desejar mais profundamente os meios da graça; e aqui é onde ele foi diferente de Judas. O traidor prosseguiu a senda errada e ficou de fora. Tomé, o ausente, regressou à comunhão e à fé para se tornar o apóstolo de Cristo na Índia. □



PESSOA NEUTRA



Na lista dos meus passatempos favoritos encontrava-se, em segundo lugar, iniciar um novo ano escolar. O primeiro era gargarejar com ácido sulfúrico. Eu não gostava de ir à escola! Não por falta de amigos, mas pelo ambiente que me rodeava. É certo que tinha, também, razões para ir: tocar na orquestra, jogar futebol, conversar com as meninas, comer no refeitório, embora a comida nem sempre me agradasse.

O conflito que existia dentro de mim provinha de procurar manter o equilíbrio entre ser um jovem bom e crente e, ao mesmo tempo, poder participar em várias traquinices dos colegas da escola. Sentia-me frustrado por viver nesses dois “mundos”.

Pensava eu, então, que a pessoa aparentemente ligada a dois “mundos” nunca precisava de se arriscar. Portanto, as questões religiosas, incluindo falar de Jesus, eram postas de lado. Só quando alguém me tocava no assunto é que me limitava a dizer simplesmente que assistia a uma igreja.

O estranho é que quando eu era mais novo. Jesus e a igreja eram importantes na minha vida. Assistia regularmente aos cultos. Participava nas actividades juvenis e desfrutava de tudo o que a igreja me oferecia. Talvez nunca tivesse chegado a compreender a relação entre a igreja—ou o cristianismo—e a escola ou a vida académica. De vez em quando um companheiro ou professor comentava sobre o meu estilo de vida, aparentemente diferente do dos outros jovens. Mesmo assim, ainda hoje me sinto culpado de nada ter feito pelo Senhor enquanto frequentava a escola.

Nutria preconceitos sobre a maneira como um cristão se devia comportar. Também me invadia o receio de expressar abertamente o meu testemunho e não ser aceite por outros. Pensava que teria de defender com unhas e dentes tudo o que dissesse. Além disso, se perdesse um amigo por eu ser cristão, julgava que os perderia a todos.

Agora sou adulto e com um sonho que nunca chegará a ser realidade: poder voltar ao passado e ser outra vez jovem. Desejaria ter alguns dias para dizer a todos os companheiros: “É muito importante conhecer Jesus como Senhor e Salvador. Eu decidi seguir Aquele que me criou, pois n’Ele encontrei verdadeiro significado para a vida”.

Ao terminar os estudos secundários, aprendi que os verdadeiros amigos permitem que nos expressemos com sinceridade, apreciam os nossos interesses e aceitam-nos tal qual somos. Quando penso nos meus anos escolares, reconheço que me vendi por um preço muito baixo.

Não era má pessoa, mas cedi em muitas coisas, o que não devia fazer. *Era uma pessoa neutra.* Desejo agora compartilhar convosco este poema que li há tempos:

*A pessoa neutra conserva-se à margem,
Quer que essa margem seja ampla!
Está sempre triste e alegre.
E agita a sua bandeira descolorida.*

Deus precisa mais de pessoas fiéis do que de indivíduos neutros. Necessita de jovens que se comprometam com o que crêem e expressam a verdade num espírito de amor. □

—GARY SIVEWRIGHT

PROMESSA ANIMADORA

As palavras “não temas” aparecem mais de trezentas vezes na Bíblia. Um dos textos mais bem conhecidos é:

“Quando passares pelas águas eu serei contigo; quando pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti . . . Visto que foste precioso aos meus olhos, digno de honra, e eu te amei, darei homens por ti e os povos pela tua vida. Não temas, pois, porque sou contigo, trarei a tua descendência desde o oriente, e a ajuntarei desde o ocidente.”

—Isaías 43:2, 4-5

Uma promessa acompanha as duas palavras: é a da Sua presença.

Torna-se interessante notarmos a razão desta promessa. O versículo dois não diz “SE passares pelas águas” ou “SE passares pelo fogo”, mas

QUANDO passares . . .” Deus não garante uma vida fácil. Pelo contrário, Ele alertou que teríamos dificuldades. Daí a razão das duas palavras, pequenas mas poderosas, cheias de firmeza: “Não temas”.

Que esperança temos quando passarmos pelas águas ou pelo fogo! Deus já prometeu: “Não temas . . . porque sou contigo”. Elas não nos submergirão nem nos queimará o fogo. “NÃO TEMAS!”

“No duro combate que a vida nos traz
Os Seus o Senhor guiará
Com graça bendita concede-nos paz;
Os Seus o Senhor guiará.

Em horas tristes de luto e dor,
Contra a pobreza, contra o dissabor,
Cristo promete real protecção,
Em todo o tempo, dá consolação.”

(Louvor e Adoração, 437)

LEITURAS BÍBLICAS DO MÊS MARÇO

1 Deuterónimo 4—6

2 Deuterónimo 7—9

3 Deuterónimo 10—12

4 Deuterónimo 13—16

5 Deuterónimo 17—19

6 Deuterónimo 20—22

7 Deuterónimo 23—25

8 Deuterónimo
26—28

9 Deuterónimo 29—31

10 Deuterónimo 32—34

11 Josué 1—3

12 Josué 4—6

13 Josué 7—9

14 Josué 10—12

15 Josué 13—15

16 Josué 16—18

17 Josué 19—21

18 Josué 22—24

19 Juízes 1—4

20 Juízes 5—8

21 Juízes 9—12

22 Juízes 13—15

23 Juízes 16—18

24 Juízes 19—21

25 Rute 1—4

26 I Samuel 1—3

27 I Samuel 4—7

28 I Samuel 8—10

29 I Samuel 11—13

30 I Samuel 14—16

31 I Samuel 17—20

“O Senhor é bom, é fortaleza no dia da angústia, e conhece os que nele se refugiam.”

—Naum 1:7

1. Oremos e participemos numa Oferta de Páscoa sacrificial para evangelismo à volta do mundo.
2. Oremos e participemos na ênfase ao evangelismo durante este mês do Ano Internacional da Escola Dominical.
3. Oremos e apoiemos em amor os candidatos que serão recebidos na congregação a 13 de Abril, Domingo Internacional de Membros.
4. Oremos pelo trabalho no Porto, Portugal.

não há duas



peessoas iguais

Todos os seres humanos vêm, sentem e ouvem. Todos aprendem, agem, lembram-se e pensam; todos raciocinam, uns pouco e outros bastante. Mas, embora pensem, nem todos o fazem na mesma medida e com a mesma eficácia. Por que tanta diferença na forma como pensam duas pessoas? E, por que há tantas outras distinções de diversos tipos?

Somos diferentes

Pense, por momentos, nas pessoas que enchem um meio de transporte público à hora de ponto, ou numa rua central quando há maior movimento. Todas as pessoas são semelhantes . . . mas com algumas diferenças. Todas têm cabelo, mas em diferente quantidade, comprimento e cor. Todas têm pais, mas diferentes uns dos outros. Todas provêm de lares distintos e seus amigos pertencem a diversos grupos. Possuindo embora um cérebro, não há duas pessoas que tenham exactamente a mesma capacidade mental. Diferem nos gostos, nos passatempos

e nas escolhas que fazem.

Até os irmãos são diferentes. As pessoas que encontramos em ruas ou transportes públicos têm diversas procedências; por isso, é de se esperar que manifestem diferenças. Mas serão iguais os filhos dos mesmos pais? É certo que os irmãos são mais parecidos entre si do que os vizinhos . . . mas mesmo os irmãos ainda têm muita diferença. Roberto é alto, de cabelo castanho e olhos claros. Pedro, seu irmão, tem o cabelo escuro e olhos castanhos. Um é emotivo, impulsivo, interessado em livros; o outro, tendo sido criado no mesmo lar e assistindo à mesma escola, é alegre, pensa com seriedade, gosta de conviver com outras pessoas e interessa-se mais por elas do que pelos livros.

As pessoas são semelhantes mas também diferentes. Cada indivíduo é único e, em geral, não nos envolvemos com grupos mas com pessoas distintas. Não temos crianças desobedientes, a não ser João que é traquina,

e quer todas as coisas feitas a seu modo. Não temos crianças de idade escolar com necessidade de assistir à Escola Dominical, a não ser Maria que vive do outro lado da rua. Nem ela nem os pais assistem à igreja ou à Escola Dominical. A nossa possibilidade de a ganhar para Cristo será maior se a compreendermos a ela e aos pais, não somente na semelhança com os outros mas, sobretudo, na diferença de necessidades e interesses.

É bom sermos diferentes

Se as pessoas fossem tão parecidas como os carros do mesmo modelo e marca, a vida seria monótona. Poderíamos escolher os amigos lançando sortes, pois tanto fazia um como outro.

Se houvesse alguma divisão no trabalho seria injusta, pois o porteiro do palácio presidencial seria tão capaz como o presidente do país. Nós, pais, não seríamos muito diferentes dos nossos filhos, e os professores saberiam tanto como os alunos! Na Sua onisciência, Deus criou o mundo com pessoas tão diferentes! Se não nos tivesse criado assim, a monotonia seria sufocante.

Como usar as diferenças. O nosso mundo precisa de grande variedade de pessoas. São necessárias diferentes personalidades para formarem o lar ou a igreja a que pertencemos.

Havendo tantas tarefas prementes no reino de Deus, as nossas diferenças individuais podem ser valiosas quanto ao serviço que cada um pode prestar, dando assim interesse à vida. O mundo adequado para cada indivíduo seria aquele no qual agradasse a Deus e fosse útil no serviço ao seu semelhante. O nosso mundo não é perfeito,

mas a perfeição é o ideal que orienta pais e professores. Este ideal é a nossa "coluna de fogo"* durante a noite e a "coluna de fumo"*

durante o dia. Procuramos orientar-nos precisamente por meio de tais luzeiros. Cremos que podemos encontrar o lugar onde servir a Deus, ajudar o próximo e ter regozijo pessoal duradouro e íntimo.

Para compor a rica diversidade do mundo em que vivemos, são precisas muitas classes de pessoas; mas esta realidade exige também muita diversidade de trabalho da nossa parte para melhor conhecermos e compreendermos pessoas tão diferentes entre si, ajudando-as a ser felizes e, ao terminarem o caminho da vida, chegarem ao céu. Para termos um bom conceito de nós próprios, devemos estar crenças das diferenças que distinguem as pessoas. Se temos diferenças que não conseguimos modificar, cultivemos a habilidade necessária de nos ajustar ao ponto de tirar proveito delas. □

—A. F. HARPER

*Exodo 13:21.

APRIMORAMENTO

Assentado num banco, enquanto viajava no metropolitano, li à minha frente um grande anúncio sobre um "curso de aprimoramento intelectual". Logo pensei em como um crente poderia aprimorar o "espiritual". Fechei os olhos e fiquei a delinear na minha mente os passos e alguns pormenores implicados.

Certamente o primeiro passo é a **matrícula**. A pessoa que desejar tal aprimoramento deverá matricular-se segundo normas inspiradas: "A todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus" (João 1:12). É necessário entrar na família para aprender os padrões que Deus estabeleceu para Seu povo. Esse passo deve ser dado com sinceridade e não como alguns que, "crendo que eram justos desprezavam", os candidatos (Lucas 18:9); ou como "espias que se fingissem justos" (Lucas 20:20). A sinceridade é fundamental para um bom começo (Salmo 37:37). Outro passo importante é estar de **acordo com o ensino** (Amós 3:3). Alunos que questionam o ensino não progridem. Em certa ocasião Jesus esclareceu: "Que-reis vós, também, retirar-vos?" (João 6:67). É sempre um grande atraso para a Obra de Deus um membro que se queixa dos métodos do ensino bíblico.

Eu tenho sido aluno nas escolas de Deus por algumas décadas. Nossa graduação virá um dia. Paulo sabia-o quando disse: "Não que já a tenha alcançado" (Filip. 3:12). Ele já tinha explicado "aos alunos" que nesta escola "nós mesmos que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a



adopção, a saber, a redenção do nosso corpo" (Romanos 8:23). Mas o Apóstolo estava certo de algumas outras coisas que nós alcançamos nesta fase de aprendizagem e aprimoramento espiritual. Dizia aos filipenses: "Pelo que, todos quantos já somos perfeitos, sintamos isto mesmo" (Filipenses 3:15). "Cristãos amadurecidos", opina-se destes, pois atingiram um estado de liberdade em Cristo que produz testemunhos práticos: "Sei estar abatido, e sei também ter abundância . . . Posso todas as coisas, naquele que me fortalece" (Filipenses 4:12, 13). Paulo estava certo do lugar para onde iria graduar-se: "A nossa cidade está nos céus" (Filipenses 3:20).

É verdade que nesta escola de aprimoramento espiritual nem sempre dizemos "Aleluia!", pois o próprio Jesus "padeceu" e foi também "aluno" (Hebreus 5:8). "Na verdade, toda a correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas, depois, produz um fruto pacífico de justiça" (Hebreus 12:11).

Há uma fase interessante durante o "discipulado" que dá uma grande ajuda ao aprimoramento espiritual—é quando, pela fé, **permitimos que o Espírito Santo nos purifique** (Actos 15:8, 9). Depois de tal experiência torna-se mais fácil "comer o mantimento sólido" (Hebreus 5:14); porque a "úlceras maligna" que impedia o prazer nos estudos foi extirpada pelo poder de Deus. A aprendizagem fica mais facilitada e todos nos tornamos livres para ouvir, assimilar e "prosseguir até à perfeição . . ." (Hebreus 5:14—6:1). □

—EUDO T. DE ALMEIDA

População: 7,2 milhões de habitantes.

Grupos étnicos: Latino e índio.

Religiões: Católica Romana e Evangélica.

Línguas: Espanhola e dialectos índios.

Governo: Democracia representativa.

Abertura da obra da Igreja do Nazareno: 1904.

Primeiros missionários: Rev. Richard Anderson e esposa.

Primeiro superintendente nacional:

Rev. Federico Guillermo.

Actuais

superintendentes distritais: Rev. Juan

Lucas (Norte); Rev.

Gregorio Bin (Las

Verapaces); Rev. Joel Buenafe (Central); Rev.

Alfonso Barrientos

(Nordeste); Rev. Eber

Martinez Tobar

(Noroeste); Rev.

Lauro Santiago

(Sudoeste).

Escolas: Instituto

Teológico Nazareno:

Escola Bíblica Índia.

GUATEMALA

O trabalho da Igreja do Nazareno na Guatemala começou com o Rev. Richard Anderson e esposa que eram missionários da Missão Pentecostal, a qual se uniu à Igreja do Nazareno em 1915. Eles iniciaram uma obra na cidade de Coban, em 1904. O superintendente geral Dr. H. F. Reynolds fez uma breve visita à Guatemala depois da Missão Pentecostal se ter unido à Igreja do Nazareno. Nessa visita reconheceu a necessidade de mais missionários. Em 1917 o Rev. J. D. Franklin e esposa chegaram ao país para alargarem o trabalho até a cidade de Salama, no estado de Baja Verapaz. Compraram uma propriedade na cidade e, em breve, se organizou ali uma igreja. Com a influência desta igreja reabriu-se uma missão em San Jeronimo e começou-se em Rabinal um ponto de pregação.

Em 1917 chegou a missionária Eugénia Phillips. Principiou o seu ministério na escola fundada em 1910. Sob a sua orientação, a escola feminina progrediu tanto que também foi aberta uma escola masculina em 1921, dirigida pela mesma missionária. As duas escolas juntaram-se para formar um estabelecimento de ensino secundário, a partir de 1932.

A necessidade de pastores nacionais levou a abertura duma Escola Bíblica de Preparação, em Coban, sob a orientação de Sarah Cox, em 1923. Nos anos seguintes trabalharam nesta escola vários missionários. Em 1952 foi adquirida uma propriedade perto da cidade de Coban e as construções aí levantadas receberam o nome de Instituto Bíblico Nazareno G. B. Williamson.

Em 1954 principiou-se uma escola para índios kekchi, mais tarde com um departamento para

o pocomchi. Em 1970 o instituto foi integrado no Seminário Nazareno da América Central, em Costa Rica. A Escola Bíblica Índia Kekchi/Pocomchi foi transferida para o local do Instituto Bíblico Williamson, em Coban. A Escola Bíblica Nazarena Rabinal-Achi de San Miguel era o terceiro estabelecimento de ensino. Foi integrada no Instituto Teológico Nazareno, sob a gerência do Rev. Jonathan Salgado, na cidade de Guatemala.

O instituto conta actualmente com 36 alunos e a Escola Bíblica Índia Kekchi/Pocomchi com 31. A Igreja do Nazareno tem, além disso, uma obra em Peten, região da selva mais a nordeste da Guatemala. O trabalho principiou com dois pregadores nacionais que até lá se deslocaram e celebraram cultos em Flores. Foi aí organizada uma igreja sob os cuidados da pastora Leona Gardner. Mais tarde, o superintendente da missão Rev. Ingram, acompanhado de dois pregadores nacionais, fizeram cultos em várias localidades e estabeleceram uma igreja em San Andrés. Nessa altura Gardner passou para as Honduras Britânicas (hoje Belize). Nos anos seguintes, as igrejas dessa área remota ficaram sem pastores até 1982, ano em que a região de Peten se tornou em Distrito Norte da Guatemala, com o Rev. Danilo Solis como superintendente distrital.

O maior crescimento nos últimos anos verifica-se entre os índios. A proporção de membros índios e de língua espanhola é de três para um. Cerca de 80 por cento das pessoas que vivem nessa área falam de uma a três línguas: kekchi, pocomchi e rabinal-achi.

O trabalho entre os índios kekchi começou com o Dr. William Sedat e sua esposa. Eram linguistas que se dedicavam com outros tradutores da Bíblia (Wicliffe) ao desenvolvimento dum vocabulário escrito para a

língua kekchi. Enquanto envolvidos nesse trabalho, encontraram em 1942 alguns missionários nazarenos. O Dr. Sedat e a esposa tornaram-se nazarenos e foram nomeados para a obra entre os índios kekchi. Escreveram um dicionário e uma gramática e traduziram para o idioma kekchi o Novo Testamento. Em seguida dedicaram-se à tradução do Novo Testamento para o pocomchi. O Dr. Sedat faleceu em 1971 e a esposa dedicou-se à conclusão da obra. Nessa tarefa foi auxiliada por dois cristãos nativos. Terminou a tradução antes de se reformar. Em 1983 foi publicado

em pocomchi o Novo Testamento.

O terceiro grupo de índios na Guatemala é o rabinal-achi. O Dr. James Hudson foi o pioneiro da obra missionária entre esse povo.

A Guatemala conta hoje com 15.885 membros, 145 igrejas organizadas, sete missionários e seis distritos. O Nordeste (agora Las Verapaces) foi o primeiro na área de Missão Mundial a tornar-se distrito regular.

O escritório regional para México, América Central e Caraíbas (tendo o Dr. James Hudson como director) situa-se na cidade de Guatemala. □



A • HORA • NAZARENA

RÁDIO

PARA QUE O MUNDO CONHEÇA JESUS

MISSÃO MUNDIAL DA RÁDIO
IGREJA DO NAZARENO

✔ Para onde vai a alma à hora da morte? Compreendo que vamos dormir (uma maneira de falar) e somos colocados no sepulcro até ao dia da ressurreição (João 8:52; Salmo 146:4; Hebreus 11:8-13; e Lucas 13:28). Onde permanece a nossa alma durante todo esse tempo?

✔ A nossa congregação começou a ter refeições no rés-do-chão da igreja. Um amigo disse-me que não se devia comer na igreja. Pelo seu conhecimento bíblico e sendo cristão há muito tempo, Sr. Editor, penso que me saberá responder! Esse amigo também me disse que não lhe parecia direito usar títeres nos cultos de igreja para crianças. Que pensa sobre o assunto?

✔ O nosso "Manual" defende que é mau dançar. Mas eu não encontro comprovação na Bíblia. Falará ela contra a dança?

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Passagens como Filipenses 1:21-23 e Actos 7:59-60 convencem-me de que estaremos conscientes na presença do Senhor desde a hora da morte. "Dormir", como metáfora comum na Bíblia para a morte, aplica-se ao corpo e o despertar à ressurreição, mas não ao espírito. No entanto, não sou "dogmático" acerca do assunto, pois prefiro esperar e ver como tudo irá acontecer.

Creio que não é reprovável tomar refeições nas salas contíguas ao santuário. O apóstolo Paulo aconselhou os coríntios a comerem em casa porque as suas refeições em comum davam aso a divisão de classes e a favoritismos, sendo os pobres rebaixados pelos ricos. Se as nossas refeições expressarem verdadeiro companheirismo e unidade, a advertência do Apóstolo aos coríntios não nos será aqui aplicável.

Quanto aos títeres, sei pouco sobre eles. Suponho que quaisquer meios de pregação e ensino são valiosos, desde que não degenerem em simples passatempo. O Deus que falou outrora pela boca dum jumento (II Pedro 2:16) pode fazê-lo muito melhor pela boca dum títere.

Há danças mencionadas na Bíblia com manifesto aplauso. Miriam dirigiu as mulheres de Israel na dança que celebrava a saída da escravidão egípcia (Êxodo 15:20). A filha de Jefté festejou o regresso do pai, da guerra, "com adufes e com danças" (Juízes 11:34). As "filhas de Silo" dançaram numa "solenidade anual do Senhor"—e deram oportunidade aos homens da tribo de Benjamim de "as tomarem" como esposas (Juízes 21:9-13). As mulheres israelitas festejavam as vitórias militares de David com cânticos e danças (I Samuel 21:11). Davi "saltou com todas as suas forças diante do Senhor" quando a arca da aliança foi transportada para Jerusalém (II Samuel 6:14). Na história de Jesus sobre o filho pródigo, o regresso deste foi festejado com "música e danças" (Lucas 15:25). Todas as danças aqui mencionadas celebravam vitórias espirituais tidas como actos divinos de salvamento.

Outras danças, porém, vêm narradas na Bíblia com evidente reprovação. Os israelitas dançaram diante do bezerro de ouro, em adoração idólatra (Êxodo 32:19). Salomé dançou no banquete em que se festejava o dia natalício de Herodes, e o resultado foi a degolação de João Batista (Mateus 14:6-10).

Postas todas estas danças juntas, parece-me que surgem as perguntas *porque* e *com que consequências* elas foram realizadas.

Encontro nas *Obras* de Wesley algo que nos pode ajudar. Ele escreveu a uma jovem que se tinha decidido contra a dança: "Se o dançar não é mau em si, ainda conduz moças a inúmeros males. E o risco destes, por um lado, parece superar de longe as pequenas inconveniências de não dançar. Assim, conquanto muito possa ser ainda dito, você escolheu a maneira mais excelente. "Em qualquer assunto duvidoso, a pergunta—"Avançará isto a causa da excelência moral?"—proverá a orientação mais sábia. □

CAMP É MUNDO 

PERDOA-

Ó Senhor, Santo e Justo Deus!
 Reconhecemos perante Ti
 que não temos temor de Deus como devemos,
 e que não Te amamos acima de todas as coisas.
 Não temos prazer na oração, não cumprimos a Tua Palavra.
 Não compartilhamos a liberdade de filhos Teus.
 Desperdiçamos o tempo que Tu puseste ao nosso dispor.
 Não amamos, de verdade, o nosso próximo.
 Vivemos demasiadamente interessados em nós mesmos.
 Nem sempre estamos de bom humor.
 Somos presunçosos e melindrosos.
 Falta-nos abertura espiritual.
 Não somos livres da obsessão pelo dinheiro.
 Nossos corações estão divididos,
 afligidos por dúvidas
 e desejos pecaminosos.
 Trazemos nosso ser destroçado perante Ti, ó Deus.
 Perdoa-nos
 e enche-nos de tão grande amor por Jesus,
 que nossas vidas sejam, na verdade, renovadas.
 Amém.

—Igreja da Índia

-NOS, SENHOR!

ESCOLA BÍBLICA DE FÉRIAS

No Distrito Rio/São Paulo, o ano de 1985, quanto ao Departamento de Vida Cristã, caracterizou-se como o Ano da Escola Bíblica de Férias. Relatórios que têm chegado à superintendência mostram que, pelo menos, em 95% das nossas igrejas realizou-se uma "EBF" até o mês de Agosto. Certamente ainda receberemos outras informações de várias outras escolas no restante do ano eclesiástico.

Constitui esta notícia uma grande vitória para as nossas Escolas Dominicais, pois é inegável que essa faceta do trabalho sempre gera resultados positivos e imediatos. Numa das igrejas—Cosmópolis—uma família inteira foi ganha para Cristo, como resultado da última "EBF". Participa agora da classe de catecúmenos para se agregar à membresia da igreja.

Ciente de que a Escola Dominical ainda é o maior campo de evangelização, a nossa Junta Distrital de Vida Cristã, sob liderança de sua presidente, Profa. Zilta C. Oliveira, tem-se esforçado muito para a preparação de líderes capazes nas Regiões. Já foram realizados três seminários—em Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro—, com duração de quatro horas cada e uma participação total superior a 200 líderes locais. Estamos esperando que desses líderes tenhamos uma explosão nas nossas Escolas Dominicais—o campo de evangelização mais promissor.

—JOAQUIM A. LIMA
 SUPERINTENDENTE DISTRITAL



Escola Bíblica de Férias da congregação Parque Taquaral, Campinas, SP.



Parte da assistência à EBF da Igreja do Nazareno de Santo André I.



Lição ilustrada durante a Escola Bíblica de Férias da Igreja de Valinhos.



UM NOVO HOMEM, UMA NOVA IGREJA

Domingos Rodrigues nasceu em Cabo Verde. Ainda jovem começou a sua preparação para o sacerdócio romano. Um dos seus melhores amigos, estudante para o ministério evangélico numa escola da Igreja do Nazareno, convidou Domingos a ir com ele à igreja. Assim, uma semente foi lançada, ainda em Cabo Verde, na vida de Domingos Rodrigues.

Mais tarde, Domingos partiu para Moçambique, onde ajudava a missa como acólito fiel. Depois do seu casamento, tornou-se enfermeiro. A família cresceu com a chegada de filhos. Domingos foi convidado a assistir a outro culto nazareno, onde o Espírito Santo o tocou e lhe transformou a vida. A esposa, ainda que a princípio oposta à "Igreja Protestante", veio também a conhecer a Deus na Sua plenitude. Foi este homem, mais a esposa, que levaram alimentos aos nossos missionários encarcerados na turbulência política de 1974.

Cedo tornou-se claro que Domingos devia levar a esposa e seis filhos para Portugal. A família deixou Moçambique levando apenas maletas de viagem. Em Portugal, juntamente com uma avalanche de refugiados, tiveram apenas uma tenda para morar. A família Rodrigues começou uma igreja neste bairro de tendas. Mais tarde, foi-lhes dado algum terreno e dinheiro para construir uma casa, edifício onde se reúne todos os domingos uma das recém-organizadas Igrejas do Nazareno.

O irmão Rodrigues capturou a visão e, com a ajuda de outros refugiados, levantou US\$6 000 dólares para a construção dum edifício. Pediram terreno às autoridades locais e, milagrosamente, foi-lhes concedido. Acha-se hoje em construção um templo na cidade de Linhó. A planta foi desenhada por um engenheiro que recebeu a Cristo na Igreja do Nazareno em Moçambique. Com a conclusão da primeira fase das obras, doze colunas de cimento erguem-se apontando para o belo céu português.

Domingos Rodrigues está a estudar num instituto bíblico, preparando-se para um futuro ministério. Graças à fidelidade de cada nazareno na contribuição para o Orçamento Geral, continuam a propagar-se as boas novas do evangelho . . . a Cabo Verde, a Moçambique, a Portugal e até aos confins da terra.

—DUANE SRADER

NOVO TEMPLO

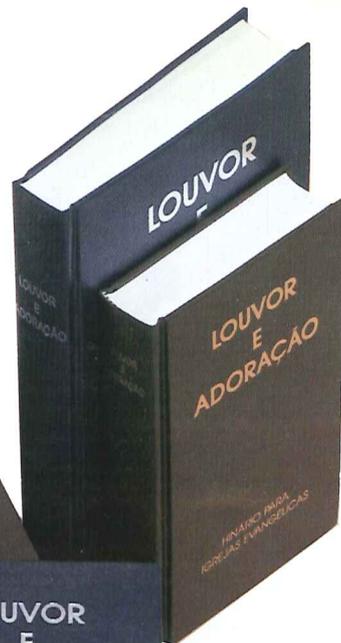
Num gesto simbólico de cooperação, o superintendente distrital, Rev. Gilberto Évora, e o director da Missão, Rev. Paulo Stroud, lançam a primeira pedra do novo templo da Achada de Santo António.

As obras foram iniciadas a 10 de Agosto de 1985. Representam a contretização dum sonho alimentado por muitos anos. Felicitamos o Distrito de Cabo Verde e, em particular, a laboriosa congregação deste subúrbio da Praia e seu pastor, Benedito C. Monteiro. □

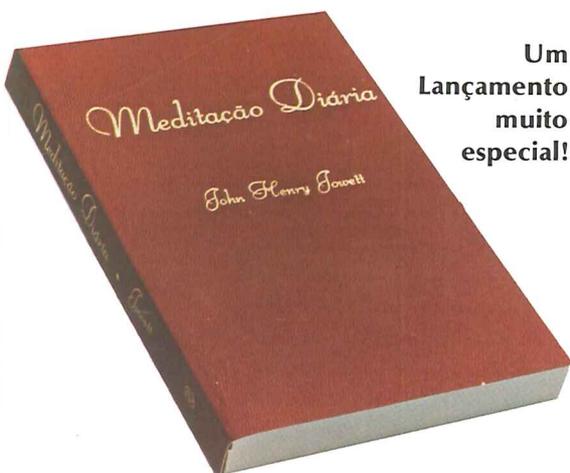
Hinário

LOUVOR E ADORAÇÃO

- PM-009 Música e letra, encadernado, castanho US\$7.00
- PM-010 Letra, encadernado, castanho US\$5.00
- PM-011 Música e letra, encadernado, azul US\$7.00
- PM-012 Letra, encadernado, azul US\$5.00



PM-013
Encadernação
em pasta especial
com argolas metálicas,
folhas soltas; ideal para
músicos das igrejas
US\$18.50



**Um
Lançamento
muito
especial!**

Ansiosamente aguardado, este livro devocional oferece, pela primeira vez, ao público de expressão portuguesa, uma das mais aclamadas obras devocionais do mundo evangélico.

- Volume de 380 páginas, 21 x 13.5 cm., muito atraente e forte para manuseio diário.
- Capa vermelha com letras douradas.
- Um tesouro que famílias e indivíduos usarão com entusiasmo e conservarão com

muito carinho ao longo de anos.

- Um presente que abençoará a vida de seus amigos.
- Passagens bíblicas cuidadosamente escolhidas para encorajamento e desafio na vida quotidiana.
- Um trecho de rico conteúdo para cada dia do ano.
- Apresentação artística e de fácil leitura.

Número de Catálogo—PLG-603
Preço—US\$6.00

Faça hoje mesmo o seu pedido à
Casa Nazarena de Publicações 6401 The Paseo Kansas City, Missouri 64131 E.U.A.